

Illustração Portuguesa

DIRECTOR: Carlos Malheiro Dias — Propriedade de J. J. da Silva Graça — DIRECTOR ARTISTICO: Francisco Teixeira

Assignatura para Portugal, colonias e Hespanha		Assignatura conjuncta do Seculo, Supplemto Humoristico do Seculo e da Illustração Portuguesa	
ANNO.....	2\$800	PORTUGAL, COLONIAS E HESPANHA	
SEMESTRE.....	2\$400	ANNO.....	2\$000
TRIMESTRE.....	1\$900	SEMESTRE.....	1\$600
		TRIMESTRE.....	1\$300
		MEZ (em Lisboa).....	700

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFFICINAS DE COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — Rua Formosa, 43



Summario

Capa: UM VELHO PASTOR DA SERRA DA ESTRELLA (Cliche do sr. Pedro Ramos de Paiva) • **Textos:**
 DUAS MÃES, 1 illustr. • A OBRA DE UM REFORMADOR: O ARCHITECTO RUAL LINO, 9 illustr. • FIGURAS
 E FACTOS, 8 illustr. • ESCOLAS MOVEIS AGRICOLAS, 11 illustr. • QUEM MATOU O MARQUEZ DE LOU-
 LÉ, 11 illustr. • A SERRA DA ESTRELLA, 14 illustr. • • • • • • • • • •

LOCAO DEQUEANT

CABELLO BARBA PESTANAS SOBRANCELHAS

Unico producto scientifico apresentado na *Academia de Medicina de Paris* contra o microbio da Calvicie e todas as afecções do couro cabeludo.

L. DEQUEANT, Pharmacien, 18, Rue Cassanovieri, Paris.

Em LISBOA, 19, Rua do Arco a Jesus, a quem deve-se dirigir para todas as informações gratuitas.

A Venda se torna as boas casas do PORTUGAL.

PLAQUES

JOUGLA

PAPIERS

Capas para encadernação

Acham-se á venda bonitas capas em percalina para a encadernação do IV volume da «*ILUSTRACÃO PORTUGUEZA*». ♦♦♦♦♦♦♦♦

♦♦♦ Satisfazem-se promptamente todos os pedidos acompanhados da importancia respectiva, que é apenas de **360 réis**

Administração d'«O Seculo»=Lisboa

O passado, presente e futuro revelado pela mais celebre chiromante e phisyonomista da Europa

Madame BROUILLARD

Diz o passado e o presente e prediz o futuro, com veracidade e rapidez: é incomparavel em vaticínios. Pelo estudo que fez das sciencias, chronologias, chromancias, phisignomonia e pelas applicações practicas das theorias de Gall, Lavater, Desbarrolles, Lamproze, d'Arpenligney, Madame Brouillard tem percorrido as principais cidades da Europa e America, onde foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta cathetoria, a quem predisse a queda do Imperio e todos os acontecimentos que se lhe seguiram. Faia portuguez, francez, inglez, allemão, italiano e hespanhol.

Dá consultas diarias das 9 da manhã ás 11 da noite em seu gabinete:

43, RUA DO CARMO, sobre-loja — LISBOA
Consultas a 1.000 rs., 2.500 rs. e 5.000 rs.

Discos SIMPLEX

De double face, os melhores pela sua nitidez e duração contendo o mais variado e moderno repertorio em musica e canto dos melhores auctores nacionaes e estrangeiros. Marca registada, propriedade exclusiva de **J. CASTELLO BRANCO**.
Preços excepçionaes e grandes descontos para a venda no Brazil e colonias portuguezas. Grande deposito de discos e machinas falantes. PEDIR CATALOGOS a

J. CASTELLO BRANCO**R. de Santo Antão, 32, 34 e 82**

LISBOA

Novo diamante americano

A mais perfeita imitação até hoje conhecida. A unica que sem luz artificial brilha como se fosse verdadeiro diamante. Anéis e alfinetes a 500 rs., broches a 800 rs., brincos a 1\$000 réis o par. Lindos collares de perolas a 1\$000 réis. Todas estas joias são em prata ou ouro de lei. Não confundir a nossa casa

Rua de Santa Justa, 96 (Junto ao elevador)

DUAS MÃES

(A RAINHA DE PORTUGAL)

*Pelo que por seu Filho padecês,
Foi Rainha dos Céus a criatura
A quem a Dôr ergueu a tal altura
Da humilde escuridade em que nasceu:*

*Rainha, — Vós, a quem o berço deu
As grandezas da terra, — a dôr mais dura
Vos traz á universal igualha obscura
De qualquer mártir coração plebeu.*

*Maria, sai do povo: ao povo, a Dôr
Vos traz, em alma: e em dôr, sois povo: e mais:
Sois Mundo, Natureza, Deus, Amôr.*

*Maria, transformou em Throno eterno
Seu coração de Mãe: Vós a igualaes:
Fazeis do throno um Coração Materno.*

Março, 908.

ANTONIO CORRÊA D'OLIVEIRA.



FIGURAS E FACTOS



ALFERES VELLOSO DE CASTRO.—Nos artigos sobre a ultima campanha do Cuamato a *Illustração Portugueza* tem publicado uma valiosa serie de photographias obtidas debaixo de intenso fogo inimigo, pelo sr. alferes José Velloso de Castro, que fôra encarregado do serviço photographico da columna, desempenhando-se cabalmente d'esta missão pela apresentação da esplendida collecção de clichés que temos vindo publicando no nosso jornal.

Este brioso official e distincto artista foi gravemente ferido no Mufilo em 27 d'agosto, e com um desvelo enorme já tomou parte, ainda convalescente, no combate da *chana* do Macuvi em 4 de setembro.

Em toda a campanha, o alferes Velloso, apesar dos encargos do seu serviço d'ajudante do commandante da columna, não descurava a documentação photographica da campanha, apresentando clichés tirados no mais

acesso da peleja, trabalho este que exige uma serenidade e sangue frio de que só é capaz um militar portuguez! E é assim que se pôde obter a admiravel série de documentos graphicos sobre a campanha, que provavelmente não terá rival, no seu genero.



Real e benemerita Caixa de Soccorros de D. Pedro V, no Rio de Janeiro: Interior do salão nobre da sede social (CLICHÉ DE H. ZARAMELLA)

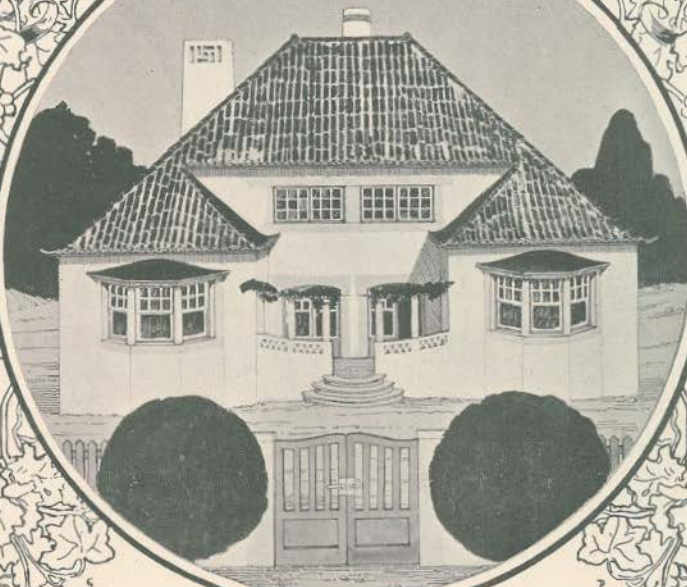
ANTHERO DE FIGUEIREDO.—Com um notabilissimo successo de livraria, Anthero de Figueiredo, o illustre auctor d'essa obra-prima de estylo que se chama *Recordações e Viagens*, acaba de publicar uma sensacional novella de theatro intitulada—*Comicos*. Pela energia da acção, pelo singular interesse da psychologia, pela intensidade do drama, pela nobreza da expressão litteraria, o novo livro pôde considerar-se uma das mais bellas paginas d'amôr que a litteratura portugueza tem produzido nos ultimos tempos.



A festa da arvore em Montemor

A OBRA DE UM REFORMADOR

O ARCHITECTO RAUL LINO

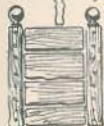


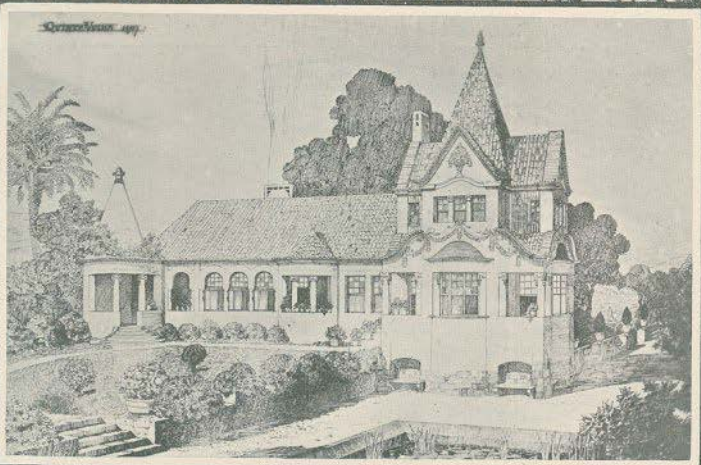
Projecto de casa economica em um pinhal á deira-mar

O architecto Raul Lino expôz, a semana passada, nas salas do Instituto de Coimbra, uma serie de projectos, esboços, perspectivas e estudos architectonicos, que nitidamente representam em conjunto uma das mais originaes demonstrações de talento trazida a lume pela ultima geração de artistas portuguezes.

Em outro paiz onde o talento bastasse para garantir ao artista uma situação privilegiada, Raul Lino seria um consagrado e a nossa tarefa resumir-se-hia ao exame summario de uma obra conhecida, discutida e notabilizada. Em Portugal, não. Temos que principiar por dizer quem é Raul Lino. As maiorias não o conhecem. Demais, Raul Lino tem uma perigosa qualidade a recomendar-o: é novo. N'um paiz com o culto archeologico da mumia, preconceituoso até á medula, rotineiro até ao idiotismc, a mocidade é um valor negativo, uma especie de malficio social contra que as maiorias se precaveem, armadas de desconfiança e de receio.

Assim, este reformador audacioso é, fóra de um grupo restricto de en-





Projecto de casa para os arredores de Lisboa

thusiastas, um obscuro para a collectividade. Quando muito, ha d'elle a generalisada idéa de um architecto megalomano e imbuído da influencia germanica, pretendendo implantar na sua terra--na nossa terra--uma arte de physionomia exotica, inadaptavel ao meio ambiente a que a destina. Este conceito é mais do que injusto. E' inepto. Basta, para verificall-o, percorrer com a vista a illustração que tanto ornamenta e esclarece este breve e superficial artigo. Raul Lino representa na sua arte essa nobre e salutar aspiração de reforma, systematicamente abafada pela conjura do egoismo e da rotina, que agita a mocidade portugueza. Em todos os seus projectos transparece essa belleza captivante, essa *beauté du diable*, a que se chama a originalidade. A architectura é uma arte de evolução lenta, methodica, por isso mesmo que reflecte as necessidades do homem subordinadas ao espirito de cada epocha. Crear, em architectura, é, mais propriamente, interpretar. Pode sem receio de desmentido sério affirmar-se que a concepção architectonica é obra exclusiva da communidade. Mas o architecto é o seu interprete artistico. E' elle quem reduz a fórmãs concretas a ideação resultante do espirito esthetico de cada epocha historica. Muitas vezes mesmo as alterações bruscas determinadas por destruidores movimentos revolucionarios não consentem o apparecimento adequado da sua expressão architectonica. A revolução, o directorio, o consulado e o imperio tiveram em França de ir procurar ao classicismo os modelos plasticos de interpretação que melhor se harmonissem com a sua nova concepção social.

O talento do architecto não pode crear do alicerçe á cimalha, independentemente, um estylo novo. Se em litteratura é possível adoptar a fórmula de que o estylo é o homem, em architectura é indispensavel corrigill-a na variante: o estylo é a communidade. Por isso mesmo, quando nos referimos á originalidade da obra de Raul Lino não abrangemos com este qualificativo prestigioso idéas geraes de concepção, antes pretendemos particularisar o talento de compôr, seleccionar e agrupar em conjunctos harmoniosos e originaes os diversos elementos staticos da arte architectonica, adaptando-os ás exigencias do meio e ás circumstancias variaveis da vida.

Analyse-se qualquer dos projectos de Raul Lino. Immediatamente se apurará uma das qualidades proeminentes no moço artista: a preoc-





Projecto de uma casa na Serra da Estrella

cupação decorativa, Raul Lino tem o culto apaixonado da belleza. As suas construcções vivem menos das suas linhas geraes que dos detalhes. Desde o primeiro momento, elle integra as na scenographia adequada, illumina-as, dá-lhes relevo e côr. E como possui um singular talento evocador e pictural, os seus projectos enriquecem-se d'essa magia, que simultaneamente os objectiva e o os espiritalisa.

Outra das características da sua arte é o seu dominante proposito de commodidade e de conforto. Todas as suas construcções destinam-se a agasalhar amavelmente creaturas vivas e não, abstractamente, a armazenar familias.

Quando foi da ultima exposição de Paris, no concurso aberto para o pavilhão destinado á representação portugueza, Raul Lino ousou afrontar com os preconceitos burocraticos indigenas concorrendo perante o jury com um projecto onde commpdiara os varios estylos tradicionaes da casa portugueza. Em outro qualquer paiz, essa revelação de talento, que reconduzia a architectura nacional, tão tristemente decahida, para as suas fontes inspiradoras, teria recebido todo o incitamento.

Mas a rotina mostrou-se escandalizada com a originalidade do reformador juvenil. O seu projecto foi preterido. Raul Lino, porém, não desanimou com esse primeiro fracasso. Obstinou se. A fortuna da familia salvou-o da transigencia do-





lrosa a que conduz inevitavelmente a miséria. Hoje, o seu nome, se não conseguiu ainda impôr-se às maiores inesthetics, para quem o architecto continua a ser uma especie de mestre de obras diplomado, está entretanto ligado indissolavelmente a esse notavel movimento architectonico, por elle e pelo pintor Villaça iniciado, que á edificação civil das outras éras foi procurar a estylisação e os motivos inspiradores que o cosmopolitismo industrial por completo obliterára, desnacionalizando a habitação portugueza.

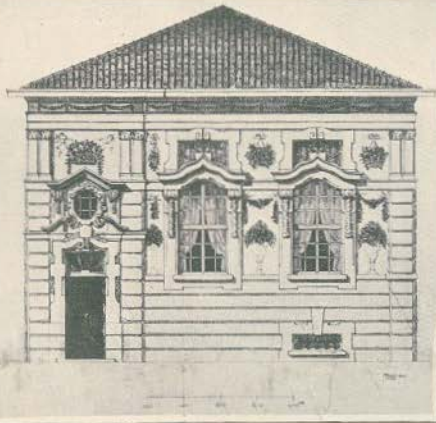


A Pedreira
Projecto para uma casa em Cintra: dois aspectos



A villa O'Neill, em Cascaes, e a casa dos Patudos, em Alpiarça, já em numeros anteriores d'esta revista minuciosamente descriptas, representam, cada uma com sua feição especial, os modelos mais typicos d'essa escola e as notaveis facultades de ideação plastica dos seus auctores.

Infelizmente, a obra do architecto imaginoso de Patudos é ainda pouco numerosa e quasi circumscripta á edi-



ficação suburbana dos Estoril e de Cascaes, onde não é difficil, ao primeiro lance de olhos, discriminar entre a banalidade e o preciosismo amaneirado dos chalets, a sua concepção original nas casas dos srs. Rey Colaço, Carlos Ferreira e Jayme Batalha Reis.



Casa do sr. Jayme Batalha Reis no Monte Palmella, Cascaes
—Casa de S. Roque, propriedade do sr. Carlos Ribeiro
Ferreira no Estoril—Monsalvat, casa do sr. A. Rey Colaço
no Monte Palmella em Cascaes

—Esboço para a fachada de uma casa em Lisboa
—Casa do sr. conde Armand na sua propriedade da Commenda perto de Setubal

FIGURAS E FACTOS



MANIFESTAÇÃO AO DR. BERNARDINO MACHADO— As comissões municipal e parochias republicanas do concelho de Cascaes foram no domingo, 15 de março, ao Estoril, onde o sr. conselheiro Bernardino Machado estava acabando a sua convalescença, hospedado no *Hotel d'Italia*, entregar-lhe uma mensagem de congratulação pelas suas melhoras. As comissões foram acompanhadas por varios dos seus correligionarios d'aquelle concelho.



Uma fabrica de Moagens melo destruida pelo fogo

A fabrica da Nova Companhia Nacional de Moagens na rua Vinte e Quatro de Julho em que se manifestou incendio na madrugada de 15 de março, sendo os prejuizos soffridos avaliados em cem contos de réis

A bomba a vapor dos Voluntarios de Lisboa

O interior da fabrica depois do incendio

(CLICHÉS DE BENOLIEL)

ESCOLAS MOVEIS AGRICOLAS

A's Escolas Moveis Agricolas deve a agricultura de alguns paizes, especialmente a da Italia e da Allemanha, a consideravel transformação por que tem passado.

Denominam-as na Italia *medicos ambulantes agricolas* e com justificada razão, porque estas instituições prestantes não só avigoram o organismo nacional, como procuram curar os multiplos males de que sofre a sua agricultura.

As Escolas Moveis Agricolas são hoje queridas em toda a parte onde se comprehende a necessidade absoluta de olhar com attenção para a cultura da terra; não ha meio mais seguro e mais efficaz de levar ao conhecimento do lavrador as boas praticas agricolas e de o convencer dos prejuizos resultantes da rotina.

Essa obra prestimosa, realisada lá fóra pelo Estado, por corporações administrativas e por associações agricolas, foi emprehendida em Portugal pela iniciativa particular; pela benemerencia de alguns cidadãos prestantes tem sido levada até ao brilho em que hoje se encontra.

A primeira Escola Moveil Agricola creada em Portugal foi a «Maria Christina». Digamos duas palavras ácerca d'esta benemerita criação.

Tendo o *Commercio do Porto* preconisado a ideia de que para o engrandecimento agricola de Portugal se carece não de altas escolas agricolas, mas sim de ensino posto ao alcance dos mais modestos lavradores, um devotado filho do Porto, em cujo caracter parece reviver o civismo da velha raça portugueza, leu no Brazil essa afirmação do jornal portuense e, no meio do



O sr. Bento Carqueija, director do Comercio do Porto



Inauguração da escola Maria Christina, em Rio Tinto, em 1901



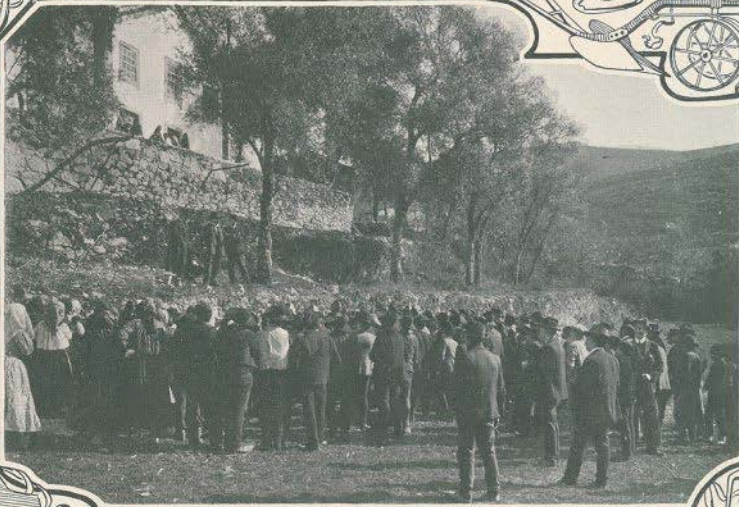
Poda de vinha em ramada, na quinta da Veiga do Matto, freguezia de Tabaçó
 1, sr. Alberto Ferreira, regente agrícola da escola; 2, sr. João Lima, proprietário; 3, sr. Manuel dos Santos Reboila, proprietário da quinta; 4, sr. Alfredo Loureiro Dias, director da escola

labutar incessante da sua prodigiosa actividade de commerciante, lembrou-se de proporcionar ao proprio *Commercio do Porto* os recursos pecuniarios para a realisação do pensamento de que fôra apostolo.

Accete a proposta, desde logo tratou a direcção do *Commercio do Porto* de formular o plano da organisação da escola, não copiando a de instituições congêneres do estrangeiro, proferindo vasal-a nas necessidades



Poda em vinha d'enforcado, na quinta da Vergada, em S. Salvador da Villa
 1, sr. Alfredo Loureiro Dias, director da escola; 2, sr. José Sotio Mator, proprietário da quinta; 3, sr. dr. Emilio Sotio Mator, delegado na Ponte da Barca; 4, sr. Alberto Ferreira, regente agrícola da Escola



Palestra agricola dominical, na freguezia de Grade
 1, Rev. parcho José Amorim; 2, sr. Alfredo Loureiro Dias, director da escola; 3, sr. Alberto
 Ferreira, regente agricola da escola

da agricultura portugueza. Levado esse plano ao conhecimento do benemerito portuense, elle apenas o modificou no sentido de ser devidamente remunerado o pessoal

da escola, para que pudesse consagrar-se, exclusiva e devotadamente, ao importante apostolado que lhe ia ser confiado.

Assim nasceram de um magnanimo ras-



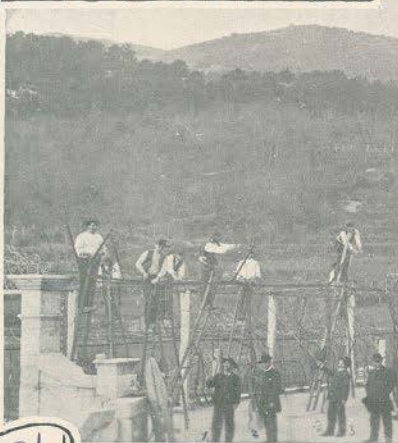
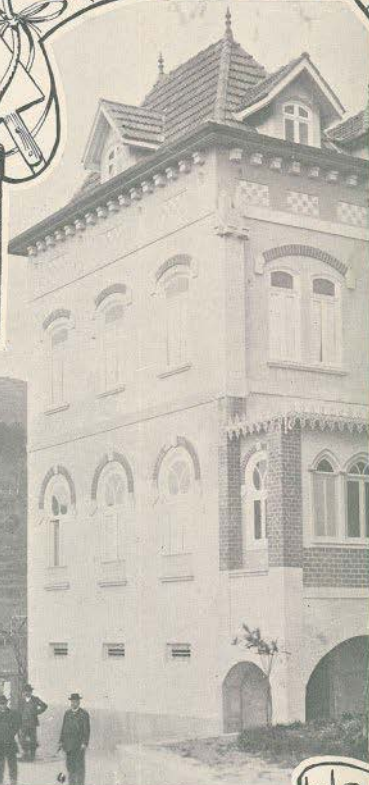
Poda de pomar na quinta da Commenda, freguezia de Santa Maria de Tavora
 1, sr. Alberto Ferreira, regente agricola da escola;
 2, 3 e 4 srs. João de Brito, João de Lima e conselheiro Pedro de Brito,
 proprietarios da quinta; 5, sr. Alfredo Loureiro Dias, director da escola



Lavoura com charrua
Brabant, na quinta da Velga
do Matto, freguezia
de Taboço

- 1, sr. Alberto Ferreira, regente agrícola;
2, sr. João Lima, proprietário
agricultor de Tavora; 3, sr. Manuel dos Santos
Rebolla, proprietário da quinta;
4, sr. Alfredo Loureiro Dias, director da escola

go de benemerencia e patriotismo as Escolas
Moveis Agricolas em Portugal. Duas coisas
pediu apenas, ou antes impoz á direcção
do *Commercio do Porto* o seu fundador: 1.ª
que por todos os modos lhe occultasse o nome;
2.ª que aos alumnos das escolas fossem
ensinadas, como lemma da proveitosa pro-



Atada de vinha em ramada, na quinta da Junqueira, freguezia de Prosello

- 1, sr. Alberto Ferreira, regente agrícola da escola; 2 e 3, sr. Manuel José Pereira
Fernandes e José Manuel Pereira, proprietários da quinta;
3, sr. Alfredo Loureiro Dias, director da escola

paganda agricola que ia emprender-se, as palavras do Evangelho de S. Matheus: «Dae de graça aos outros o que de graça recebestes».

Interrogado o creador d'essas mensageiras do futuro agricola de Portugal sobre o titulo que deveria dar-se ás escolas, respondeu, muito singelamente: «Chamem-se «Maria Christina» — o nome de minha mulher.»

E assim vão seguindo na sua obra generosa essas escolas, levando na sua propaganda muito amor a esta boa terra portugueza, bem merecedora de carinhos, e na sua bandeira um nome, que é, por signal, um talisman de amor.

A propaganda nas Escolas Moveis Agricolas é feita por multiplos formas:—Ha, diariamente, cursos nocturnos, orientados segundo as necessidades mais urgentes da agricultura da região e acompanhados de trabalhos experimentaes, especialmente sobre adubações químicas, lavras com charrus aperfeiçoadas, sementeiras precedidas do tratamento das sementes, podas, enxertias, tratamento de phyttonoses, fabricação racional de vinhos e azeites, culturas especiaes, etc.

Aos domingos, realiam-se, depois da missa conventual, em geral nos adros das egrejas parochias de cada concelho, *palestras dominicaes*, tendentes especialmente a guiar os lavradores no emprego das melhores praticas dos trabalhos correntes.

Demais, as escolas distribuem, gratuitamente, adubos, sementes, garfos para enxertia, etc., e emprestam todo o seu material aos lavradores que se queiram utilizar d'elle. Em cada localidade onde se estabelecem, usam deixar plantadas algumas centenas de arvores, contribuindo assim para o indispensavel augmento da riqueza florestal do paiz.

A par da instrução propriamente agricola, ha em cada escola uma missão primaria, destinada especialmente aos lavradores adultos que sejam analfabetos.

Como se vê, as Escolas Moveis Agricolas exercem por variadas formas a sua benefica funçáo. Os seus fructos vão apparecendo, de anno para anno.

Acolhidas, a principio, com desconfiança pelo lavrador ignorante, aferrado á rotina que lhe vinha dos seus antepassados e incredulo em que pudesse haver alguém que, sem interesse pessoal, gastasse o seu dinheiro e dispuzesse a sua actividade para ensinar o lavrador a — *ti-var mais proveito da terra com menor dispendio*—foi o ensino das escolas chamando, dia a dia, no-

vos adeptos d'ellas, quando observaram que ali tudo é gratuito, tudo redunda em beneficio para o lavrador.

E, assim, as Escolas Moveis Agricolas deixam gratidão e sympathia em todas as localidades onde realisam as suas prestantes missões.

A primeira missão da Escola Moveil Agricola «Maria Christina» inaugurou-se em Rio Tinto, nos arredores do Porto, em 18 de agosto de 1901. Uma das nossas gravuras representa a animação do povo por occasião da festa d'essa inauguração. N'esta missão fez Batalha Reis uma serie de proveitosas lições sobre cultura da vinha e fabricação do vinho, as quaes correram impressas, em edição popular, gratuita.

D'ali passou a fazer a segunda missão em Villa Nova de Famalicão, inaugurada em 15 de agosto de 1902, com grande enthusiasmo de povo.

Bem depressa se assignalaram os fructos d'esta missão e tantos foram elles que um benemerito filho de Famalicão, o sr. conde de S. Cosme do Valle, deliberou fundar e manter á sua custa uma Escola Moveil Agricola concelhia, a que deu o titulo de «Escola Comercio do Porto» em homenagem a este jornal.

Esta nova escola foi aberta em 2 de novembro de 1903.

Numerosos factos attestam a todo o momento os beneficos que o ensino elementar agricola espalhou no concelho de Famalicão. Empregam-se hoje ali machinas agricolas, especialmente charrus aperfeiçoadas, e consomem-se quantidades consideraveis de adubos chimicos, que, antes das escolas, eram inteiramente desconhecidos dos lavradores do concelho.

Foi em Guimarães a terceira missão da Escola Moveil Agricola «Maria Christina», inaugurada em 16 de agosto de 1903. Ali exerceu igualmente uma benefica influencia, confirmada pelos mais importantes agricultores.

De Guimarães passou a escola para Barcellos, onde os seus serviços ficaram marcados por dois acontecimentos, que muito nos apraz registrar. Inaugurou-se ali em 28 de agosto de 1904, com a maior solemnidade e vivo regosijo. Findo o anno da missão da escola, o illustre barcelense sr. José de Bessa e Menezes prestou aquella terra o inapreciavel beneficio de fundar uma escola concelhia, a que, por justos titulos, foi dado o titulo de Escola Moveil Agricola «José de Bessa». O dia da inauguração, 22 de outubro de 1905, presidida pelo ve-



Um grande benemerito
— O sr. conde de Sucena

nerando bispo do Porto, D. Antonio Barroso, natural do concelho de Barcellos, foi de verdadeira festa para a pittoresca rainha do Cavado.

Passou de Barcellos para Vianna do Castello a Escola Movei Agricola «Maria Christina,» sendo inaugurada ali, com grande solemnidade, no theatro Sá de Miranda, em 27 de agosto de 1905. Para mais facilmente conviver com os lavradores, a escola installou-se em Santa Martha, onde todos ainda hoje a bemdizem, com funda saudade, representando uma das nossas gravuras o festivo acolhimento n'aquella localidade.

A sexta missão da Escola «Maria Christina» foi em Braga, onde se inaugurou, no theatro de S. Geraldo, em 30 de dezembro de 1906, presidindo o ex.^{mo} arcebispo primaz á festa inaugural, solemniissima.

Esta escola foi promovida pelo Syndicato Agricola de Braga, a pedido do qual se fez a mudança da escola para ali. No intuito de procurar um centro verdadeiramente agricola, a escola funcionou na freguezia de Tadim; mas o pessoal ia duas vezes por semana dar lições á cidade de Braga, sendo bizarramente cedida para esse fim a sala do tribunal judicial.

Finalmente, a setima missão inaugurou-se em 17 de novembro de 1907, nos Arcos de Val de Vez, dando logar a uma bella festa local na pittoresca villa do Minho.

O benemerito fundador das Escolas Moveis Agricolas em Portugal não se limitou a crear estas instituições prestantissimas. Animado do generoso e patriótico empenho de uma larga propaganda em favor da agricultura portugueza, instituiu um jornalsinho gratuito com o titulo *O Lavrador*, que apparece, invariavelmente, no dia 1 de cada mez e que é expedido aos proprietarios, cultivadores, caseiros, etc.; isto é, a todos os trabalhadores do campo que saibam ler.

Para isso, com o auxilio eficaz dos prelados de todo o reino, pela sua intervenção junto dos parochos de todas as freguezias, foi feito um recenseamento geral dos lavradores nas condições de aproveitarem com a recepção do *Lavrador*.

O interessante jornalsinho, escripto n'uma linguagem corrente, accessivel aos menos illustrados cultivadores dos campos, é collaborado por muitos dos homens que no nosso paiz mais competencia technica tem demonstrado em assumptos agricolas. Os artigos do *Lavrador* visam especialmente a melhorar os processos culturaes, a corrigir as praticas defeituosas e a



Um grande benemerito
O sr. conde de S. Cosme do Valle

introduzir em Portugal os progressos que a sciencia agronomica vae realisando, por toda a parte.

A tiragem do *Lavrador* augmenta de mez para mez; não tardará que atinja 500.000 exemplares, representando assim um valioso mensageiro que faz prodiga sementeira de boa doutrina por todo o paiz. De toda a parte chegam constantemente demonstrações de carinhoso apreço com que o *Lavrador* é recebido.

O governo isentou de franquia o *Lavrador*. E' uma justificada cooperação do Estado na iniciativa prestante de um grande e generoso cidadão.

Ao mesmo tempo que ao norte do Douro as Escolas Moveis Agricolas «Maria Christina», «Commercio do Porto» e «José de Bessa» proseguiram na sua patriótica empreza de regeneração de Portugal pela

agricultura, no districto de Aveiro, um cidadão benemerito, cuja generosidade está assignalada em numerosissimas obras brilhantes e prestadias, o sr. conde de Sucena, creou em Agueda, sua querida terra natal, uma Escola Movei Agricola, a que foi dado o nome de Escola «Conde de Sucena», em homenagem ao seu illustre fundador, e destinada a percorrer os diversos concelhos d'aquelle districto.

Abriu a escola em 2 de outubro de 1904, com uma festa ruidosa no pittoresco logar da Borralha, presidida pelo ex.^{mo} bispo-conde de Coimbra, recebendo por essa occasião o sr. conde de Sucena as mais significativas demonstrações de apreço á sua iniciativa beneficente.

No anno seguinte, mudou a Escola Movei Agricola «Conde de Sucena» para Oliveira de Azemeis, onde se inaugurou solemnemente a 12 de novembro de 1905, tam-

bem sob a presidencia do ex.^{mo} bispo-conde de Coimbra, natural d'aquelle concelho e que em termos eloquentes significou ao sr. conde de Sucena a gratidão dos seus patricios. Onobre titular, desejando dar mais uma prova de amor á sua terra natal, creou para o concelho de Agueda a Escola «Condessa de Sucena», com o gentil homenagem a sua respeitavel esposa, seguindo essa escola na instrucção que a outra iniciou.

De Oliveira d'Azemeis passou a Escola Movei Agricola «Conde de Sucena» para Ovar, inaugurando-se ali em 13 de janeiro de 1907, com a mesma solemnidade e regosijo costumados.

A 8 de dezembro d'este anno era inaugurada, com grande luzimento, no vasto edificio dos paços do concelho de Estarreja, a quarta missão da Escola Conde de Sucena, sendo ali acolhida com o maior interesse, que se está provando pela grande frequencia de alumnos.

São ao todo 17 as missões que as Escolas Moveis Agricolas tem realisado em Portugal e pôde affirmar-se affoutamente que na sua benefica propaganda tem prestado serviços relevantissimos á agricultura portugueza.

Os exames finaes dos alumnos de cada missão deixam sempre a mais grata impressão ao publico, pela grande somma de conhecimentos das praticas agricolas, que os lavradores revelam. A essa impressão junta-se, geralmente, a surpresa de se verem transformados em apóstolos da *nova ideia agricola* individuos que antes eram analpha-

betos e rotineiros seculares das velhas praticas.

Se fosse possível avaliar por algarismos os serviços que as Escolas Moveis Agricolas tem prestado ao paiz, nos seis annos da sua existencia gloriosa, reconhecer-se-hia que representa já centenas de contos de réis o excedente da produção de muitas terras e a valorisação de muitos productos agricolas pela sua mais racional preparação.

Os fundadores de essas es-

colas, sem duvida, os maiores benemeritos da Patria que Portugal conta, no nosso tempo.

Janeiro de 1908.

BENTO CARQUEJA.



Inauguração da Escola Maria Christina em Vianna, 1905

QUEM MATOU O MARQUEZ DE LOULÉ

O Marquez de Loulé era um homem agradável, dextrissimo em flexuras de dansa, versado em jurisprudencia mundana, incapaz de commetter um solecismo na syntaxe do *savoir-vivre*, mas capaz de desembainhar, com a mesma galhardia, a espada de Létorières e a espada do marquez das Minas. Casou com uma das tres Graças ou uma das tres filhas do marquez de Marialva (D. Diogo), irmãs do bello marquez de Marialva (D. Pedro), que, da mesma sorte que seu filho natural, o infante D. Miguel, tambem promanava do adulterio materno.

D. Agostinho Domingos José de Mendonça Rolin de Moura Barreto, 1.º marquez de Loulé e 8.º conde de Valle de Reis, tinha os galões de coronel; e, n'essa qualidade, foi nomeado por Junot para commandar o 3.º regimento de cavallaria da Legião Luzitana. Bateu-se na Alemanha e na Austria, onde o seu comportamento foi heroico como um canto da *Illiada*, cobrindo-se de gloria em Wagram, onde foi ferido á testa da cavallaria portugueza, o que lhe valeu vêr o seu peito estrellado com a venera da Legião de Honra. Quando as nossas tropas occuparam a fronteira austro-bavara, o principe de Eckmühl apresentou o marquez de Loulé á nova imperatriz Maria Luiza em Braunau, chamando-lhe o *bravo marquez*. O marquez de Loulé pertenceu depois á guarnição de Paris e veiu com o estado-maior de Massena a Portugal em 1810, assistindo até a um baile que este deu, quando teve o seu quartel-general em Torres-Novas. Voltou para



Marquez de Loulé

França em 1811 e fez a campanha da Russia, onde a cavallaria portugueza praticou tão admiraveis *faits d'armes*.

Como os seus bens tinham soffrido confisco e elle tinha sido condemnado á morte pelos nossos tribunaes, conservou-se em França até 1817, que foi quando se abalçou a partir para o Brazil, no intento de impetrar a régia clemencia do longanimo D. João VI. Embarcou no

paquete inglez *Osborne*, sob o nome de coronel Augustin, natural de Paris, com passaporte francez para o Rio, e chegou a Lisboa em 3 de março d'esse anno. A policia suspeitou d'elle, mas, tendo apenas indicios vagos, deixou-o continuar a viagem no paquete, que saiu em 6 para o seu destino. O marquez de Loulé desembarcou no Rio em 21 de julho, disfarçado em official francez, e, no mesmo dia, entregou na legação de França os papeis de que se utilisára para os seus fins, alojando-se n'uma hospedaria da rua de Santo Antonio e procurando depois o ministro Villanova Portugal, a quem disse:

—«Rogo a v. ex.ª queira ter a bondade de pôr na presença de sua magestade que se acha n'esta côrte Agostinho Domingos José de Mendonça, acompanhado tão somente dos seus crimes e da firme e invariavel resolução de morrer aos pés do seu rei.»

Às 11 horas da manhã de 30, um ministro da policia entrou no quarto do marquez para o prender, e ás 3 horas da manhã de 31 era este enclausurado na fortaleza de Santa Cruz. Depois de variadissimas peripecias, que



O actual duque de Loulé n'uma base de mascarar, na Ajuda

a estreiteza do espaço nos inibe de relatar, o marquez de Loulé foi solto, por ordem do soberano, a quem resolveu esperar no dia em que este viesse da chacara de Santa Cruz para o Rio. Effectivamente, postou-se na estrada, aguardando D. João VI, que, ao vê-lo, fez parar o palanquim, travando-se entre ambos um dialogo, que terminou por estas palavras:

— «E' o primeiro, disse o rei, que, fiandose no meu coração, vem entregar-se nas minhas mãos!... Vossos crimes ficam aqui sepultados. Nunca mais me lembrarei d'elles. Tudo vos dou, mesmo a minha amizade, para vos confirmar que não vos enganastes com o coração do vosso rei. Vinde para a corte, na qual já não ha logar vedado para o marquez de Loulé!»

Data d'aquelle tempo, a amizade, quasi fraterna, e a dedicação do marquez de Loulé a D. João VI.

Parece que as causas do assassinio d'este titular foram as seguintes: propender o marquez para o liberalismo, ser o amigo dilecto do monarcha, influir com seus conselhos no animo d'este, e haver-lhe descoberto o conluio da rainha e do infante D. Miguel. Houve quem lhe assignalasse causas diferentes. Uns disseram que o motivo fôra a raiva que D. Miguel tinha ao marquez de Loulé por este namorar a infanta D. Maria da Assumpção, emquanto a infanta D. Izabel Maria namorava o conde de Villa Flôr e a infanta D. Anna o conde de Valle de Reis, futuro duque de Loulé. Outros asseveraram que o motivo fôra o infernalissimo ciúme que D. Miguel tinha da sua amante Margarida Bruni, e tanto assim que uma medalha com o retrato d'ella, que o marquez trazia ao pescoço, não se encontrára no cadaver. A Bruni, dotada de bella plastica, mas de nariz formidavel, nascera em Roma em 1799 e viera como baillarina para S. Carlos em 1820, ganhando 420800 réis mensaes. Estricitou relações com o intendente de policia, João de Mattos e Vasconcellos Barbosa de Magalhães, que fôra corregedor

de Alfama e administrador da casa do conde de Anadia, e que, sendo ministro da justiça no reinado de D. Miguel, se fez lamécha com a infanta D. Maria da Assumpção, pelo que o mandaram desterrado para Abrantes. Depois, a Bruni esteve, successivamente, com o Antonio Marrare, um marquez, um beneficiado da Sé, um rico negociante e o infante D. Miguel, mas, em virtude da saída d'este ultimo para Vienna, immediatamente á *Abrilada*,



Infanta D. Anna de Jesus, mãe do actual duque de Loulé

ligou-se com Simão Infante de Sequeira, manco de 26 annos e guarda-roupa de D. Miguel. Foi empregaria de S. Carlos de 1822 até fins de 1824, chegando o ministro constitucional José da Silva Carvalho a interessar-se por ella, e tornou a ser empregaria em 1828, até que, em 1831, D. Miguel mandou entregar passaportes á Bruni e ao seu creado para deixarem Portugal, sem que conheçamos as razões determinantes d'esse procedimento. A breve trecho, porém, regressou a Lisboa, casou em 1832 com Simão Infante e morreu

em 1848 na sua quinta da Torre da Murta, freguezia das Areias, concelho de Ferreira do Zezere, quinta que o seu herdeiro vendeu por treze contos de réis ha uns vinte annos. Silva Gayo, no romance *Mario*, insere uma carta do dr. Bruschy, na qual este affirma que D. José Maria de Mendonça, filho natural do marquez de Loulé, «fôra havido em madame Brunis», o que é erroneo, porque elle contava n'esta epocha (em 1824) vinte e tantos annos e ella vinte e cinco annos. Como escrevemos em tempo, a amante do marquez de Loulé era uma franceza chamada Fanny Grünier, de 26 annos, moradora na rua de Sant'Anna, n.º 9, freguezia da Ajuda, com quem se relacionára em França em 1813 e que mandára vir com a respectiva familia para Lisboa em fins de 1821. Em seguida á morte d'elle, a franceza travou relações amorosas com seu filho D. José, alferes de cavallaria, que, sob a denominação popular de D. José *Lanceiro*, tanto brilhou ao lado do conde de Vimioso nas touradas de fidalgos.

O marquez de Loulé foi assassinado no real sitio de Salvaterra, onde D. João VI fôra passar o Entrudo, levando 86 creades, e onde devia effectuar-se uma recita com o entremez *Manuel Mendes Enxandria*, a que serviria de ponto o barão de Mollelos, uma festa de mascarar, de cujos preparativos se encarregára o marquez de Angeja, e umas cavalladas reaes em que tomaria parte o marquez de Loulé, para o que lhe haviam levado fatos o seu secretario e o seu guarda-roupa Armenio José Cortez. O assassino perpetrrou-se na noite de sabbado, 28, para domingo gordo, 29 de fevereiro de 1824, noite escurissima por ser a ultima de lua. E perpetrrou-se depois do marquez ter saído do primeiro ensaio da peça no real theatre e quando passava no corredor de communicação entre o paço incendiado e o paço existente ou na sala immediata ao corredor. O nosso inolvidavel amigo Pato Infante, que conhecia os bastidores da tragedia, disse-nos que foi na sala e que o assassino se escondera atraz do throno para accommetter o marquez. Na manhã de 29, como este não apparecesse e não tivesse dormido no seu quarto, que estava sempre aberto e era situado no corredor das Damas, o seu guarda-roupa, o hespanhol

Raphael da Matta Martins—que, em vão, o esperára até ás 11 e meia horas da noite antecedente,—o seu outro guarda-roupa Armenio e o picador Lobo de Araujo saíram a procural-o, percorrendo todo o theatre, os camarotes e o pavimento de baixo, até que o Martins encontrou o cadaver do marquez e correu logo a participar a achada a Joaquim Brusco, creado particular de el-rei. Eram 7 para as 8 horas da manhã. Foi depois do encontro que, estando a almoçar o conde de Soure, o marquez de Tancos, Simão Infante e D. Manuel Jeronymo da Camara, no quarto d'este ultimo, entrou D. Miguel muito afflicto e disse, em voz baixa, que o morto era o marquez de Loulé. Ao sabel-o, Simão Infante indignou-se tanto que chegou a dizer que,

se conhecesse o assassino, o estrangularia. Pois D. Miguel ficou tão zangado com isto, que não lhe falou durante alguns annos e até no dia da *Abri-lada*, desejando Simão Infante penetrar na Bemposta, lhe mandou dizer pelo marquez de Belas «que não toinasse ao Paço». O filho legitimo do marquez de Loulé, o alferes conde de Valle de Reis, só teve conhecimento da triste nova na manhã de 29, de frente de Azambuja, em viagem para Salvaterra



José da Silva Carvalho, ministro da justiça em 1822

com o Antonio Zacharias, moço das reaes cavallariças.

O decreto de 29 de fevereiro de 1824 ordenou que o juiz de fôra de Salvaterra, Thomaz de Freitas Coelho Machado Torres, procedesse a auto de corpo de delicto e a immediata devassa. Com effeito, o dito juiz procedeu ao citado auto na manhã de 29 e na parte posterior da tribuna do real theatre, sendo acompanhado n'essa diligencia pelo escriptão do judicial José Joaquim Sabino Lucas, pelo cirurgião do partido camarario Joaquim Antonio da Fonseca e pelos cirurgiões da real camara Theotonio Ferreira de Aguiar e Antonio Bartholomeu Pires, futuro visconde de Queluz. Assistiu tambem o dr. Bernardo José de Abrantes e Castro, a quem o proprio D. João VI mostrou o sitio em que estava o morto. O cadaver foi encontrado no declive do entulho que existia dentro de uma casa arruinada, junto ao corredor que dava serventia para a citada tribuna, a qual tinha uma porta com degraus para o mesmo corre-

dor. Estava em decubito dorsal, com a cabeça proxima á extremidade do declive, envolta n'algun sangue, assim como o rosto, os braços abertos em cruz, e as mãos meias fechadas, tendo na da esquerda algumas hervas não comprimidas, porque se soltaram facilmente. Trajava casaca de briche, collete preto, calças de meia cinzentas e botas de montar, tendo as competentes esporas com fivelas de prata, e estava apenas sujo nos joelhos, mas enxuto, apesar de haver chovido n'essa noite. Os objectos que trazia consigo e que foram entregues ao conde de Valle de Reis consistiam em onze peças de 78500 réis, uma moeda de doze vintens em prata, uma veronica de prata, tendo de um lado

Nossa Senhora das Dóres e do outro Nossa Senhora de Sant'Anna, um pentesinho de ouro, um lapis de prata, um relógio e um grilhão de ouro com um anel enfiado, dois sinetes de ouro, uma chave de ouro para relógio, tres chaves de ferro, cinco aneis de ouro, uma chave dourada de camarista de sua magestade, uma fivella do lenço do pescoço, uma caixa de pau cheia de rapé, e um diploma do duque de Berry para poder usar a flor de liz. O cadaver apresentava cinco contusões na cabeça e no rosto, e um orificiozinho sobre a orbita direita, parecendo ter sido tudo feito com instrumento contundente; uma fe-

rida no labio inferior e outra nas gengivas, com fenda no osso, parecendo feitas com instrumento cortante; e tres fracturas no parietal direito. Examinando-se minuciosamente a casa arruinada, encontraram-se no entulho umas pégadas de botinas com saltos aguçados, dois tijolos que deviam ter caído quando algum tentou apoiar-se n'elles para subir, e alguma areia na pedra sotoposta á janella, signal de que ali pousára um pé. Notou-se, finalmente, que na porta da sala dos Arceiros havia tres pintas de sangue fresco, indicadoras de mão ensanguentada que a abriera ou fechara, e que havia outra pinta de sangue no segundo degrau da escada do quarto de D. João VI para o corredor. Em vista do que, e dada a situação do cadaver, os peritos concluíram que a morte fôra violenta e só com o fundamento de odio ou vingança.

Como no corredor existia uma janella sem

peitos, que deitava para a casa arruinada, janella para a qual se subia por um degrau, houve quem aventusse a hypothese de que o marquez fôra victima de um desastre, e que, por consequencia, se precipitára da janella, tomando-a por uma porta. Mas isto não podia acontecer, porque o marquez conhecia perfeitamente o paço desde a infancia. E a hypothese foi contradictada pelo auto de corpo de delicto, que excluiu a possibilidade de semelhante desastre e provou, preempitoriamente, que o marquez de Loulé fôra morto em outro sitio e depois collocado ali.

O juiz de fôra de Salvaterra iniciou a devassa, inquirindo devassamente 23 testemunhas, até que o conde de Suberra lhe orde-

nou que a devolvesse ao juiz do crime da côrte e casa, que proseguiu na inquirição, na qual testemunharam 130 individuos. A devassa ficou conclua em 14 de julho de 1824, sendo pronunciados, como réus, o marquez de Abrantes (D. José), o sota Leonardo Joaquim Cordeiro, Jeronymo de S. José Ferreira, cocheiro da real pessoa, José Verissimo, sargento da policia, o brigadeiro Francisco de Moraes Madureira Lobo, D. Christovão de Mascarenhas, Raphael da Matta Martins, Armenio José Cortez, Manuel de Faria, falcoeiro da real contada, José Vicente Tinouco, official das coutadas de Salvaterra, e Antonio

Caetano Taberneiro, guarda do almoxarifado de Foz de Cima. A defeza dos réus, exceptuando José Verissimo, foi entregue ao dr. Antonio Marciano de Azevedo, pae de Marciano de Azevedo, futuro redactor d'*O Asmodem*. A maledicencia, que é o prologo da calunnia, inculpou tambem o infante D. Miguel, o marchante Manuel Vassallo, o Damaso Mulato, antigo correo de D. Miguel, e João José dos Santos, por alcunha o *Sedovem*, picador da casa real. E até houve quem criminasse D. Miguel, no quarto das Senhoras Infantas em Salvaterra.

Sabe-se que, por occasião de outra jornada áquella villa, anterior á de fevereiro, já haviam corrido boatos, em Lisboa e em Belem, de que se tencionava assassinar o marquez de Loulé. E antes da jornada do Entrudo, elle mesmo recebeu muitas cartas anonymas, que o ameaçavam de morte. O marquez, po-



*A Serenissima Senhora D. Izabel Maria,
Infanta de Portugal*

rém, despresou as ameaças, e tendo-lhe até dito o seu guarda-roupa, e outros creados, que circulavam boatos tetricos a seu respeito, simplesmente respondeu:

—«Quem não deve, não teme.»

Na noite de 28, tomou café no seu quarto, em companhia do marquez e da marqueza de Bellas—que andava grávida,—do conde e da condessa de Villa Flôr, do conde de Paraty e do Fonseca, escrivão das reaes cavalharias. E saiu ás 8 horas, pouco mais ou menos, para o theatro, com o marquez de Bellas e os condes de Paraty e de Villa Flôr, encaminhando-se todos pelo corredor do quarto de D. João VI e levando o ultimo d'elles uma vela que lhe dera o Joaquim Brusco, vela que, no retorno, o conde de Villa Flôr repôz no castiçal do quarto do soberano.

Sobre a hora a que o marquez de Loulé se retirou do theatro é que divergem as testemunhas da devassa, porque a maioria, incluindo o marquez de Abrantes (antes da pronuncia), disse que foi ás 10 e meia da noite, o marquez de Tancos que foi ás 11 e D. José Maria de Mendonça que foi ás 11 e meia, quando muito. Terminado o primeiro ensaio e depois do marquez de Loulé ter trocado algumas phrases com D. Miguel, aquelle encontrou seu filho D. José Maria, a quem deu um abraço e com quem passeou algum tempo, encaminhando-se depois com elle para a entrada do corredor, onde D. José Maria o abandonou, dizendo-lhe: —

—«V. ex.* vae-se?»

Ao que o marquez respondeu:

—«Vou.»

E tornou-lhe o filho:

—«Olhe não dê por ahi alguma pancada...»

Ao que elle replicou:

—«Não dou.»

Não ha duvida de que o marquez de Loulé foi assassinado depois de sair do theatro, na occasião em que principiava o segundo ensaio, e quando, seguindo pelo corredor ou pela sala immediata, se dirigia para o seu quarto, onde o Philippe José, moço de ensino, lhe fôra pôr o capote, e onde o seu guarda-roupa Matta Martins baldadamente o esperou, conforme narrámos. Desconfiou-se, e correu a voz, de que lhe deitaram uma manta pela

cabeca, com o intuito de lhe applicarem pancadas amantadas, e, por essa razão, se prendeu o cocheiro Jeronymo de S. José Ferreira, que estivera no theatro, levando enfiada pela cabeca uma manta chamada *cochinillo* ou *ponche de S. Paulo*, que trouxera do Brazil, quando residia lá com a familia real. Mas o cocheiro saiu do theatro bastante depois do marquez de Loulé, a quem devia favores. E a devassa não fez prova contra ninguem, nem mesmo contra o suspeito marquez de Abrantes, que não gosava de bons creditos, que foi accusado, por mais de cem cartas anonymas, de perpetrador do crime, e a quem os periodicos inglezes, jungindo-o a D. Miguel, imputavam o delicto. Tambem D. José Maria de Mendonça lh'o attribuia, porque,

estando n'um *balanço* em casa da mãe do nosso amigo Pa to Infante e alludindo esta senhora á fama que D. Miguel disfructava de ter sido o assassino do Loulé, concluiu ella:

—«Parece impossivel que o D. José seja miguelista!»

Ao que elle respondeu com vivacidade:

—«Quem matou meu pae foi o marquez de Abrantes!»

Cumpre advertir que o marquez de Abrantes gosava da maxima familiaridade com D. Miguel, a ponto de frequentemente lhe pegar ao collo, de se fechar com elle durante horas escuradas e dos creados do paço dizerem uns para os outros, mal o viam aproximar-se:

—«Ahi chegou o favorito! Ahi chegou o homem! Ahi chegou o diabo!»

O marquez de Abrantes dizia que se encerrava com D. Miguel para o leccionar na lingua franceza e na arte de torneiro.

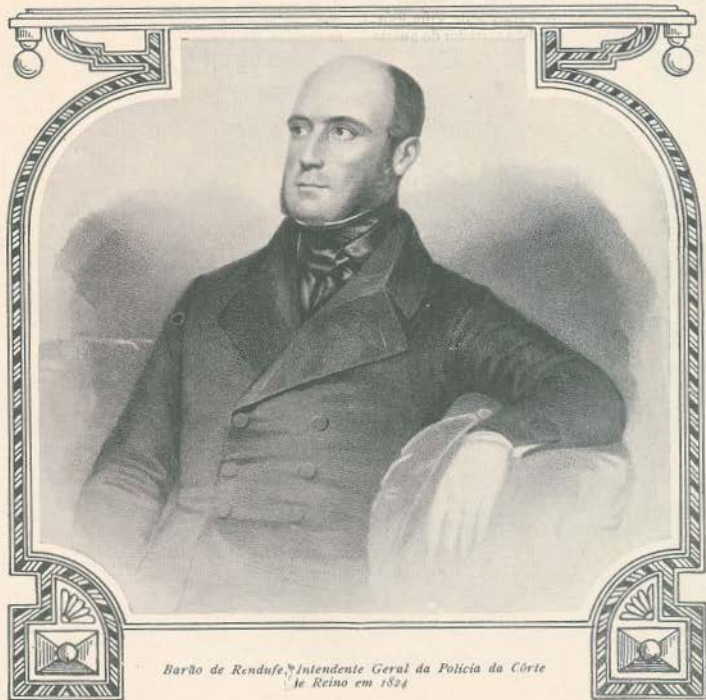
Vejamos agora a que horas saiu D. Miguel do theatro e se podia ter tomado parte directa no assassinio. No dia 28, D. Miguel andou á caça com Armenio José Cortez, e na noite d'esse dia, prova-o a devassa, conservou-se sempre no theatro e só o deixou depois de findo o segundo ensaio do entremez, eram onze horas e meia para a meia-noite. Saiu d'ali com as seguintes pessoas, que o acompanharam até ao seu quarto: marquez de Tancos, barão de Mollelos, D. Manuel Jeronymo da Camara, o ajudante de campo João Baptista Bandeira, o sota Leonardo e D. José Maria de Mendonça, filho



Antonio Bartholomeu Pires, visconde de Queluz

do Loulé. Encontraram fechada a porta de entrada para o paço ou porta da Sala dos Archeiros, e completamente aberta a tal janella, que lhe ficava proxima. D. Miguel arrumou dois encontrões na porta, que se abriu com estrondo, caindo, ao mesmo tempo, a chave no solo. O infante dirigiu-se para o seu quarto, deitou-se na cama, e, até ador-

11 e meia, quando muito, sendo immediatamente assassinado. Escorando-nos, pois, na propria devassa, podemos dizer afoitamente que D. Miguel não tomou parte activa no assassinio do marquez de Loulé, porque, á hora a que se encontrou liberto de testemunhas, já o marquez de Loulé deixára de existir. As premissas conduzem-nos logicamente



Barão de Rendufe, Intendente Geral da Policia da Corte
do Reino em 1824

mezer, esteve junto d'elle o sota Leonardo, que se retirou depois em companhia de D. José Maria de Mendonça, vindo ambos em grande galhoia pelo corredor fóra. Em seguida, era meia-noite e meia hora, a porta da Sala dos Archeiros foi fechada á chave e a cadeado pelo creado José da Esperança Freire, e assim encontrada na manhã seguinte pelo porteiro da Sala de Fóra, Teixeira Carneiro. A' meia-noite e meia hora já o marquez de Loulé estava morto, porque, conforme vimos, se retirára do theatro no principio do segundo ensaio, entre as 10 e meia e as

á conclusão, que se impõe com a fatalidade indiscutivel de uma consequencia syllogistica. E a conclusão é que D. Miguel foi malsinado pela vilta da calumnia, foi manchado por uma suspeição infamante, a que alguns historiadores deram foros de verdade estreme, sem devidamente a peneirarem pelo crivo da joeira historica.

Resta saber a quem se attribuiu a perpetração do crime. Não está em nosso animo lançar um labéo sobre a memoria de quem quer que seja, mas o nosso dever de historio-grapho impõe-nos a indeclinavel obrigação

de dizer, que, tanto no paço como em casa dos altos funcionarios palatinos, se asseverou que o perpetrador do delicto fôra F. de L., por alcunha o *Preto dos Palitos*, que diziam ser filho natural do marquez de Abrantes. Este homem trabalhára, em 1822, como impressor na typographia de Januario da Costa Neves, na rua Formosa, n.º 24, onde o administrador Marcellino o admitiu quando o proprietario estava preso por causa da conspi-

o seu abegão Manuel Maria, e, chegando a Salvaterra ás 4 horas da tarde, foi logo direito aos ensaios das cavalhadas, em que tambem tomava parte, e para as quaes mandára fazer um fato especial no seu alfaiate Pereira, na rua Augusta. F. de L. chegou ali ás 7 horas e deitou-se logo, levantando-se apenas para ir ao ensaio no theatro, de onde se retirou ás 10 horas da noite, isto é, antes do marquez de Loulé, vindo com o conde de Atalaya, que o largou á

porta do almoxarife da Azinhaga, Pedro Malheiro, hospedeiro de F. de L. e do marquez de Abrantes. Depôz simplesmente como testemunha da devassa e só foi preso como implicado na *Abrilada*, em 11 de maio de 1824, sendo detido na cadeia do Castello. F. de L. morreu ha largos annos.

Nunca descobrimos nênhum documento probatorio da culpabilidade de F. de L., mas o que sabemos é que o marquez de Abrantes, apesar de ser amicissimo de D. Miguel, procurou atirar a responsabilidade do crime para cima d'este, porque, quando depôz nas perguntas judiciaes como réu da *Abrilada*, disse que o infante alimenta a grande odio e aversão ao marquez de Loulé (fls. 9 v.), que não destimou essa morte (fls. 10) e que elle depoente suspeitou do mesmo senhor n'este acontecimento (fls. 11 v.).

D. João VI ficou tão magoado com a séva atrocidade, que retornou para Lisboa, na galeota, em 4 de março, depois do corpo do marquez ter sido embalsamado pelo cirurgião Psire e depositado na igreja da Misericordia de Salvaterra, de onde foi trasladado para o convento da Graça de Lisboa em 27 de março. E, como preito á memoria do marquez de Loulé, o monarcha nomeou os dois filhos d'este seus camaristas.

A tristeza é que nunca mais abandonou D. João VI. Joaquim Brusco via-o suspirar nas occasiões de o vestir ou despir, e diver-



Conde de Villa-Flor (duque da Terceira), camarista de el-rei D. João VI em 1824.

ração da rua Formosa. Depois, seguiu a carreira das armas e foi cadete de cavallaria. Apesar de adoentado, dirigiu-se a Salvaterra com o conde da Ponte, o visconde de Santarem, outros fidalgos e o seu creado Manuel de Almeida, com o fito ostensivo de tomar parte n'um dos fios das cavalhadas promovidas por D. Miguel. O marquez de Abrantes tinha ido separadamente, mandando por terra

sas vezes lhe perguntou se tinha alguma coisa, mas elle punha o dedo na bocca e ambos emmudeciam. E' que o infornado rei sabia que sua perda esposa, mancommunada com seu filho Miguel, conspirava tenazmente na sombra, o que o obrigava a desabafar n'estes termos com o seu guarda-roupa Joaquim de Sousa Pereira Pato, outro amigo lealissimo: — «Eu sou muito desgraçado como rei, como marido e como pae!»

A historia anecdotica deve consignar as me-mencorias palavras do desditoso soberano, cuja chronica intima ainda hoje espera por um Tacito de toucador ou um Tito-Livio de salão, que a escreva.

E essa chronica intima refere, entre outras, as anecdotas seguintes, com que fecharemos o nosso artigo. Quando se reunia o Conselho de Estado e os conselheiros tomavam calor na discussão, D. João VI empregava um meio para pôr um dique ao largifluo palavreado conselheiral. Consustia em bater uma palmada na meza, fingindo apanhar uma mosca, mas visando simplesmente a fazer calar os grulhas. E foi assim que aconteceu na noite de 25 de novembro de 1807, quando o Conselho de Estado, sob a presidencia do principe regente, se reuniu no palacio da Ajuda, onde se resolveu a partida da familia real para o Brazil, opinando o conde da Figueira que se devia refugiar nas ilhas dos Açores e alvitando D. Rodrigo de Sousa Coutinho que deveriamos combater, e que, só no caso de sermos vencidos pelos francezes, se retiraria então a côrte para aquella colonia. A discussão animou se, graças ao entusiasmo com que D. Rodrigo de Sousa defendia o seu parecer, e attingira-se o momento critico do debate, quando, de subito, o principe regente pegou um formidavel murro sobre a meza. Todos se calaram a este signal, que parecia annunciar uma decisão irrevogavel, e foi no meio do mais profundo silencio que elle ex-

clamou:—«Apanhei duas!...» E, com effeito, de tres moscas que haviam pousado deante d'elle, esmagára duas.



Estando no Brazil, n'um quarto baixo do Paço de S. Christovão, onde se entretinha a contar dinheiro e a fazer montinhos eguaes de peças em oiro, um soldado, que fazia sen-



Conde de Subseira, ministro assistente ao despacho e ministro da guerra em 1824

tinella no exterior do palacio, tentou-se com o loiro metal, e, aproveitando os momentos em que o rei saia para outra casa contigua áquella, untou a ponta da bayoneta da espingarda com uma materia viscosa e introduziu a arma por uma janella, pela qual foi tirando uma peça de cada montinho, de sorte que ficaram todos eguaes. Mas D. João VI, que dera pela gatunice, entrou no in-



Marquês de Palmella, ministro dos negocios estrangeiros em 1824

tante em que o soldado se preparava para repetir a operação e disse-lhe:— «Não! Não quero que tires a prova!... » E, conforme todos sabem, tirar a prova é uma segunda operação

A sua bonhomia tornou-se proverbial, como se demonstra com as seguintes anedoctas. O chefe de divisão Antonio Pio dos Santos, disfructava de grande confiança de D. João VI. Uma vez, no palacio do Rio de Janeiro, Pio dos Santos apostou com elle, em que seria capaz de o deitar a terra com tres soccos, mas impoz a clausula do monarcha pôr uma das mãos debaixo da meza. Pio dos Santos pregou-lhe um socco, mas o rei ficou firme como uma rocha, dizendo-lhe galhofeiramente:— «O' Pio! Já vejo que perdes!» Este pespeguou-lhe segundo socco, mas D. João VI, sempre inabalavel, tornou-lhe:— «O' Pio! Perdes com toda a certeza!» Pio dos Santos rogou-lhe então que o deixasse sahir da sala e que voltava em breves instantes. D. João VI fartara-se já de esperar com a mão debaixo da meza, quando o camarista de semana entrou e o viu n'aquella tão estranha quanto comica posição. D. João VI explicou a aposta que fizera e accrescentou que estava esperando por Pio dos Santos. O camarista informou-o então, que elle ha muito que sahira do Paço, a caminho de sua casa. O rei ficou desapontado, o que não obstou a que se risse cordealmente com a *partidinha* do seu amigo.

Este mesmo official tinha a balda de gostar muito de vinho. Seu real amo fez-lhe notar a inconveniencia d'essa balda e pediu-lhe que nunca mais fosse ás tabernas, porque era derpimente para as suas dragonas. Certa vez, em que elle se dirigia para o Paço de S. Christovão, bispo D. João VI á janella, e, parando á entrada de uma baiuca, que havia defronte, pediu ao baiqueiro que lhe trouxesse á porta um quartilho de vinho. O baiqueiro assim fez, e Pio dos Santos, quando se preparava para embocar o copazio, olhou para D. João VI e disse-lhe em alta voz:— «Eu não fui lá... Elle é que veiu cá!...»

D. João VI era mais atilado e sagaz do que, em geral, se suppõe, era dotado de grande finura e possuia uma natural aptidão para conhecer os homens. Uma prova d'isto, é que elle prodigalisou as maiores amabilidades aos *vintistas*, chegando até a offerrecer um cavallo a José da Silva Carvalho, o *secretario bonito*, como elle mesmo lhe chamava.

D. João VI foi um rei que devia ter vindo em outra epoca. Veio antes de tempo.

PINTO DE CARVALHO (TINOP).



A SERRA DA ESTRELLA



A caminho

do pasto

Tam eminente o sempre tam nevada
Que a luz solar reverberando n'ella
Faz parecer que se avizinha
Camal cometa que ao zenith caminha.

GARCIA DE MASCARENHAS.

Desejaes transpôr a mais
extensa e alta montanha de
Portugal?

Facil se torna ao auctor
d'estas linhas encaminhar-
vos ao cimo dos Herminios
montes.

Já sabeis, de certo, leitor,
que vos não faltam as serpen-
tes estradas, sob copado ar-
voredo, atravez campinas e
outeiros, cultivados montes,
embrenhadas serras, que vão
cruzar-se, perder-se, n'aquel-
las duas Beiras tão fertéis e
tão bellas!

Já conheceis tambem as
linhas ferreas que as circum-
dam, abraçam, estreitam,
n'esse amplexo de fogo
que o progresso lhes lan-
çou, com
suas pon-
tes e tun-



*Pastora com o seu cantaro
de leite.*

neis, saltando rios cauda-
losos, furando e refurando
os ultimos contrafortes da
colossal Estrella.

Haveis de ter ouvido
falar de Ceia, São Romão
e Gouvêa, de Belmonte ou
Covilhã, cidades e villas
que em remotas eras se
foram edificando, amplia-
ndo, como que trepando,
arrimando-se, entrinchei-
rando-se, tentando abrigar-
se, refugiando-se, esconder-
se, fortificando-se entre a pe-
nedra, para resistirem aos
ataques brutaes dos povos
barbaros, á violencia feroz
das tempestades!

Assim, a Cividatem Scena
dos Romanos, hoje villa
de Ceia, nos apparece do-
nairosa e fresca, com seus
palacios e campanarios,
cheia de garbo e justifi-
cado orgulho por
haver
mereci-



do foraes e pergaminhos. Assim, a 600 metros d'altitude e a 4 kilometros para o sul se encontra a villa de São Romão semeada de graciosos chalets e de importantes fabricas, sobre cujas rodas immensas se entornam, desfeitas em espuma, deliciosas quedas d'agua... E por entre os cyprestes verde-negros mui esguios e tristes, oscilando ao vento, lá se conserva ainda o historico loureiro que abrigou o celebre presbyterio, onde Silva Gayo collocou a modesta alma, simples e apaixonada do seu — Mario!

Assim, lá no cimo, no concavo d'um valle, a 800 metros d'altura, ouvindo os murmurios do Alva, como as orações d'um crente, faz dia a dia os seus milagres — Nossa Senhora do Desterro — entre as frondosas carvalleiras e os perfumados pinheirais.

Assim na outra banda do Alva jazem ainda os restos d'um crasto, em cujas ruinas longas horas tenho passado, leitor, na contemplação d'um dos mais soberbos panoramas «D'esta desditosa Patria minha amada...»

D'aqui se vê, por entre ravinosos desfiladeiros, preci-



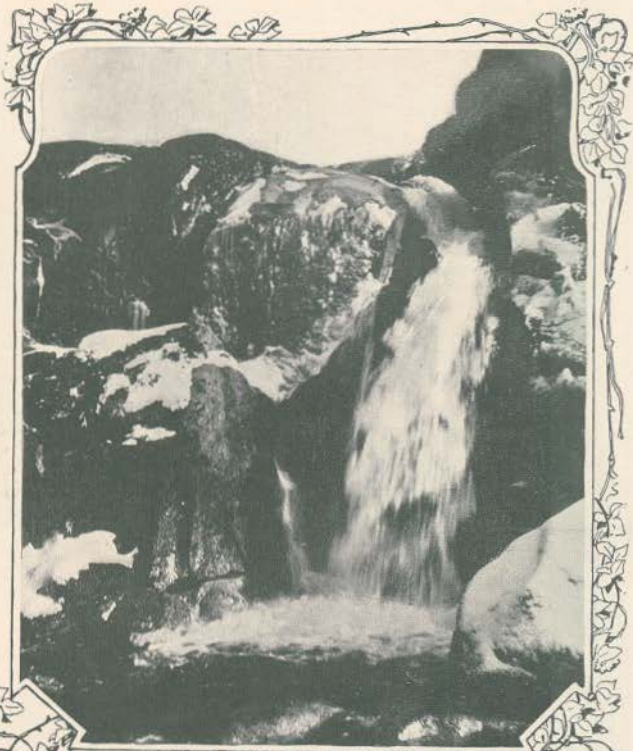
Uma curva do Alva — Presbyterio de S. Romão

pitando-se d'abysmo em abysmo, saltitante e apressada a ribeira da Canniça que vae juntar-se em breve aquelle rio — «Em partes mudo em partes retumbante.»

Ao fundo, a ponte dos Jogaes quasi escondida na densidade do arvoredo. Além, entre os carcomidos troncos de castanheiros seculares, uma pequena aldeia, a Lapa dos Dinheiros, abrigada entre colossaes rochedos, como antigos gladiadores, a defende-a! A subir, a subir, e para além mais ainda, recostada ao valle, abrigada pelas penhas do Gato e dos Abutres, labyrintho de erçada penedia a 1:768 e 1:810 metros d'altitude, alveja o povo de Loriga.

E mais adiante e muito mais ainda, adivinham-se as antigas chacaras de Valezim e Alvoco.

A! tarde, quando o sol bate em cheio nas arestas das nevadas cristas dos mon-



*A cascata da Fervença
— Um bello exemplar de cão da Serra*

tes, irisadas de côres; quando o enorme silencio apenas é cortado pelo gorgear dos melros, ou pela estridula frauta dos pastores, ou pelo som plangente da chocalhada dos rebanhos, o espectáculo redobra de imponencia e pela nossa mente esvoaçam recordações longinquas d'um saudoso passado!...

Não quero, porém, leitor, deixar esquecida a fidalga villa de Gouvêa, onde trabalham centenaes de operarios, quer nas fabricas de lanifícios, moagens, quer n'outras industrias; nem que deixeis de subir ao Calvario, para fixardes a retina no extenso valle do Mondego, coalhado de povoações apenduradas, que vae perder-se além, nas faldas do melancholico e ennevoado Caramulo.

Nem merecem tão pouco o meu esquecimento, de interes-



O Mondego na Raiva — Sabugueiro; Igreja e adro

santes que são, Covilhã e Belmonte, dependuradas na vertente oriental do alteroso Herminio. Uma como cidade, outra como aldeia, uma essencialmente industrial, outra absolutamente agrícola, ambas o berço de heróis e letrados, ambas antiquísimas!

Aqui vos deixo, leitor, estes pontos por mim escolhidos de preferencia, qual traço de união entre o bulício das grandes cidades e a nudez bravia das cyclopicas ravinas da lendária montanha!

.....
 Permitti agora que, ao correr da penna, vos descreva algumas das impressões que tenho experimentado nos meus 7 annos de Serra, quando, de *kodak* ao hombro, percorro, ao acaso, sem guia e sem bussola a escabrosidade selvatica da minha Estrella, por onde



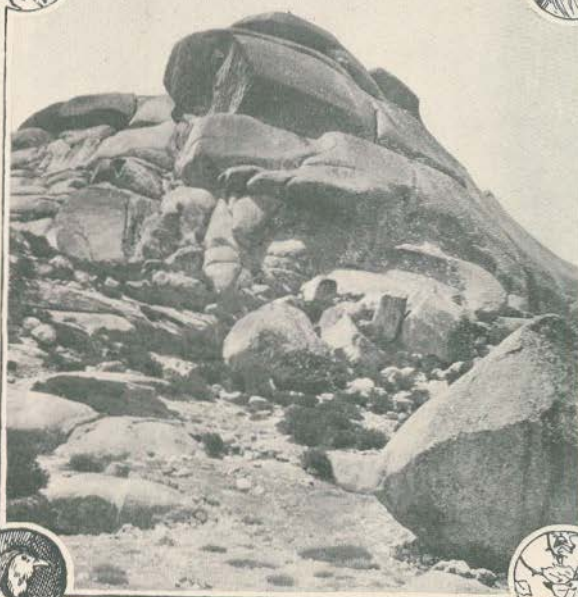


tanta vez se perde o meu phantástico pensamento...

Associaes-vos com dois amigos meus, antigos companheiros de Coimbra, que se lembraram de que o destino me separou d'elles, atirando commigo para o cimo dos penhascos!

Guiados pelo Ze da Senhora do Desterro, pelo Pantalona de Gouvêa, ou pelo Ze do Sabugueiro, cheastes ao sanatorio de Manteigas, a pé ou cavalgando, de carro tirado a bestas, ou gazolina, visto que o Edison conserva ainda o segredo dos motores electricos applicaveis aos automoveis. Tendes feito já uma deliriosa ascensão até aos 1500 metros, onde, sob uma immensa fraga, deixo a minha «cadeira de cura», rodeada de livros e jornaes.

Eu lia, decorava, o «Ar livre» do nosso poeta Afonso, que assim Afonso Lopes Vieira era conhecido



Vista panoramica de S. Romão — Penha Gorda



Penha Doirada



na Lusa. Grande expansão, abracos apertados e estreitos, gargalhada franca, *piada* fina e a vossa competente apresentação, bondoso leitor, ainda á moda da cidade! Dizem-se muitas coisas, recordam-se as serenatas, Mondego acima, por cujas nascentes vindes de passar, sem que talvez desseis por isso... falla-se na Lapa dos Esteios, no Choupal, nas tricanas, no Rolé (que já lá vae...) no Paixão, no Manuel das barbas...

N'um momento uma mocidade inteira!

Depois, trata-se de coisas sérias; se trazem agasalhos, se esqueceu a espingarda bem fornida, o *alpenstok*, o chapéu de largas abas, a bota cardada, ou a polama de coiro ou burel, e se deixaram pelas estantes dos livreiros o «Guia do turista» que o nosso amigo dr. Adelfino d'Abreu reimprimiu ha uns dois annos, adicionando-lhe um dos melhores mappas que conhecemos de toda a cordilheira.

Nada falta! nem mesmo o «Guia do Tourista» e mais uma vez me convenci, após al-

gumas descrições feitas, pelos guias de carne e osso, de que os meus hospedes eram arrojadados alpinistas, o que nem sempre acontece...

Emquanto a refeição da noite se aprompta, passamos em revista o —Sanatorio de Manteigas, ou a *conservatoria dos doentes*, nome que os pastores entenderam mais em harmonia com o que viam:—Umhas creaturas pallidas, tristes, d'olhar brilhante, estendidas n'umas cadeiras-camas, muito envolvidas em cobertores, ao frio, se no inverno, á sombra se no verão, sempre tossindo, sempre deitando n'uns trasquinhos azues ou de metal branco as salivacões; andando pouco e vagarosamente! Logo, estes *tristes* eram doentes e vieram para a neve, para o frio na idéa de se *conservarem* melhor.


Ainda quereis mais *logica* explicação? ..

Fica para *segundas leituras*...

Prosigamos:

E' o sanatorio um agrupamento de casitas de madeira ou pedra, distantes umas das outras, quasi todas em *forma de chalets*. Ha dois hoteis, sendo um d'elles superiormente considerado, pelo excellente medico tysiologo que o dirige, dr. Manuel Ferreira d'Almeida Manso.

Se as Caldas da Rainha ou Davos Platz foram filhos do acaso, outro tanto succedeu ao Sanatorio de Manteigas de cuja historia opportunamente vos darei conta.

Ha n'esta região um ponto de vista soberbo que vou mostrar-vos. Subamos ao Fragão do Corvo, bloco immenso de granito escuro, cortado quasi a prumo. A 718 metros de profundidade estende-se um enorme valle, muito cultivado e fértil onde assenta, lembrando Asté, a villa de Manteigas, cujo nome a historia desconhece a origem sabendo-se apenas que na dominação agarena foi governada por um emir: que D. Sancho I lhe deu foral em 1188 e D. Manuel I em 1514. 

Vista da grande altura a que a dominámos, dá-nos a impressão d'aquellas povoações de presepes que n'outros annos, lá pela infancia, construíamos em noite de Natal...

Corre-lhe á direita, chorosamente, uma larga fita de prata, luzindo ao sol, que vae dar o movimento, a vida a numerosas fabricas. E' o caprichoso rio Zezere em cujas aguas se pescam afamadas trutas.

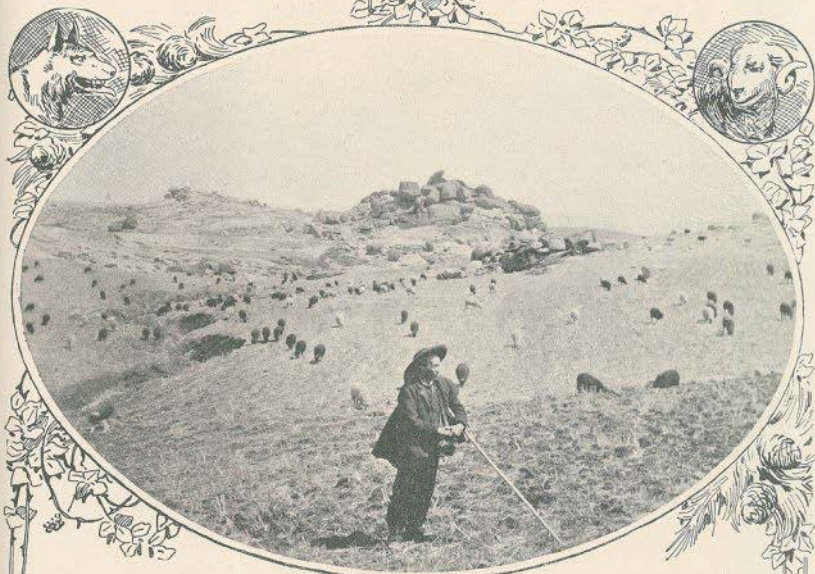
E do norte, do sul, nascente e do poente se erguem magestosas, uberrimas montanhas, vestidas desde a base até 1:000 e tantos metros d'altura, de castanheiros frondosos, carcomidos carvalhos e esguios pinheiros e abetos. D'onde em onde as casitas brancas dos guardas-florestaes e ermidas brancas...

e desçamos ao valle de Perdiz, onde de quando em quando *ellas* se levantam, n'um vôo assustador. Fervem os toiros, mas, felizmente, ninguem acerta, que *ellas* não fazem mal a ninguem, são as minhas companheiras durante as neves do inverno!

Vamo-nos approximando da ribeira da Ferrença, que ora se espraia pelas veigas fértilissimas, ora vae sumir-se, murmurosa, por entre a penedia. A pequena distancia vel-a-hemos despenhar-se d'uns 8 a 10 metros de altura, formando uma das mais interessantes cascatas da montanha.

Cortando para o sul, passemos entre as penhas ou pennas Doiradas. Junto á penha Gorda ha uma deliciosa nascente.

Almoçemos á sombra d'este formidavel cone



Regressando do pasto

Guardemos os commentarios para a lareira e approximemo-nos de casa.

Ceia-se; dizem-se sempre muitas coisas e muitas mais se diriam ainda se no dia seguinte não tivéssemos uma marcha de resistencia a emprender, em vista do que aconselhamos o repouso.

4 da manhã! O sol batendo de manso, pancadinhas de luz nas vidraças, mistura as suas gargalhadas com a expansão alegre dos meus serranos.

Tudo prompto:—cargas de mantimentos, baracas de campanha, barcos de lona, etc., etc... Marcham na frente os «burriquinhos toc... toc... toc...»

Sigamos pelo valle Formoso

de granito de 20 e tal metros d'altura. Lá em baixo, no valle, pastoras de saias vermelhas, amarellas e azues, de chapéus de palha ou feltro, ornadas de flores ou pennas d'aguia, erguem ao Altissimo canções monotonas, ao mesmo tempo que vão ceifando o centeio d'oiro que lhes dá o pão.

As horas correm velozes; partamos para o sul em direcção ao valle do Conde e covão das Lapas.

Não vamos entrar, por certo, n'uma d'essas propriedades feudaes, onde haja um castello com ameias, jardins e repuchos, lagos e cysnes, arvores e plantas caprichosas; nem feitores, serviçais, equipagens!

Não encontraremos o venerando fidalgo de longas barbas de seda branca, nem uma condessinha palli-



Na Senhora do Desterro

da, flexível, nervosa... Não!

Vamos entrar n'uma explanada, entre as ondulações montanhosas, atapetada de relva espessa, juncada de musgosa penedia, ajardinada apenas por massivos de Junipezus nana (zimbros) ora pyramidaes como os *alecrineiros do norte*, ora envolvendo, revestindo as fragas de granito, caprichosamente, como se fossem viçosas trepadeiras.

Ouviremos o som roufenho e tetrico de valentes rafeiros, ornados de colleiras de ferro com aguçadas pontas, defeza contra os lobos.

Zagaes tocarão a frauta; a chocalhada dos rebanhos d'ovellas, carneiros e cabras, de mil, duas mil e muitas mais cabeças, n'uma plangente melopeia, lembrar-nos-hão as eglogas de Bernardim...

PEDRO RAMOS DE PAIVA

(*Continúa*)



No fragão de Ronca

(CLICHÉS DO AUCTOR)

Companhia do

Proprietaria das fabricas do Prado, Marianata e Sobrinho (Chomar), Penedot Casal d' Bemio (Louzã), Valle Maior (Albergaria a Velha).

Papel do Prado

Installadas para uma producao annual de cinco milhões de kilos de papel e dispondo dos machinismos mais aperfeiçoados para a sua industria.

Tem em deposito grande variedade de papéis de escripta, de impressãõ e de embrulho. Toma e executa promptamente encomendas para fabricações especiaes de qualquer qualidade de papel de machina continua ou ***** redonda e de fôrma *****

LISBOA—270, Rua da Princeza, 276

PORTO—49, Rua de Passos Manuel, 51

Endor. telegraphicos: LISBOA, COMPANHIA PRADO
PRADO—PORTO—LISBOA Numero telephonico: 508



Gaston Lot

PROTHESE DENTARIA
do dentes com
EXTRACÇÃO dor desde 300 rs.
1850 rs. Collocação de dentes desde
Consultorioirurgico-dentario, R. das Chagas, 42,1.
(Ao Calhariz)
TELEPHONE 1:882



PARFUM
FLORAMYE
L.T. PIVER
PARIS

NOUVEAU PARFUM
PRINCIA VIOLET
29, Bd DES ITALIENS, PARIS

L'Epil'vite

CREMA EPILATORIA
prompta e ser empregada.
Resultado garantido.
Agradavelmente perfumada, dissolve instantaneamente as penugens desengraçadas, a barba, os pelos os mais duros do rosto e do corpo. — Não produz borbulhas, não irrita a pelle a mais delicada, e M. A. GRAZIANI, Phar *de 1ª classe, 63 Rue Rambuteau, Paris, Agencias de Portugal: CURIEL & DELIGANT, 19, R. do Arco a Jesus, Lisboa.

ESCROFULA :: CHLORO-ANEMIA
Authenticas de Paris)
PILULAS DE BLANCARD
Exigir o verdadeiro Producto
(assinatura, etiqueta verde, e endereço)
XAROPE DE BLANCARD
40, Rue Bonaparte, Paris (France).
LYMPHATISMO :: DEBILIDADE

AGUA CASTELLO

PREMIADA em varias EXPOSICOES e FORNECEDORES da CASA REAL

NESTLÉ

Farinha lactea

Preço 400 réis

36 medalhas de OURO incluindo a conferida na Exposição Agricola de Lisboa

Agente em Paris:— Camille Lipman, 26, Rue Vignon

Instituto de belleza

UNICA casa do mundo para o tratamento do rosto, hygiene, belleza e conservação da juventude. Productos scientificos invisíveis approvados pelo Laboratorio Municipal de Paris. Apparelhos e productos contra a obesidade e contra a excessiva magreza.

Aguas e crèmes para branquear a pelle das mãos, luvas e aparelhos para o seu aformoseamento. Quem quizer conservar e embellecer a côr empregue todas as manhãs os maravilhosos productos:

Tintura vegetal garantida e inoffensiva. Loção capilar para evitar a queda dos cabellos e para impedir o embranquecimento, dando-lhe a sua côr natural. Depilatorio perfumado com extracto d'ervas do Oriente (rosa) para evitar os pellos e fazendo-os desaparecer completamente.

Loção, Crème e PÓ KLYTIA

Instrucções para o seu emprego

O INSTITUTO DE BELLEZA deseja ter agentes nas principaes cidades da Europa, preferindo casas perfumistas ou cabeleireiros para effectuarem a venda dos seus productos. Depositos em todás as principaes cidades da França, da Europa, Estados Unidos da America e no Cairo.

O Instituto de Belleza lecciona e dá curso de tratamento e embellezamento da pelle. Programma e condições. Envia-se catalogo geral a quem o requisitar.

26, Place Vendôme, 26—PARIS

VAGO

O mais brilhante e assombroso acontecimento jornalístico

O CONCURSO DE 1908

Na caça dos "coupons", como uns valentes, Envolveram-se dois á bofetada, E foi um tal sarilho de pancada Que fracturaram braços, pernas, dentes.

Um terceiro, ao mirar os combatentes, Em desordem tão louca e desmarcada, Acôde e, com mão agíl apontada, Rouba o "coupon", com passos diligentes.

O' manos, manas, paes, ó mães e tias, Aprendei n'esta leria, n'esta treta, A ter socego em vossas alegrias.

Pois para obter um premio de chupeta, Basta colleccionar todos os dias O bello "couponsinho" da gazeta!

UMA CONTENDA GRAVE

